

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

O POEMA "LOIRA" DE JOÃO DE MEIRA: UMA LEITURA INTERTEXTUAL.

FERREIRA, Agostinho

Ano: 2012-2013 | Número: 122-123

Como citar este documento:

FERREIRA, Agostinho, O poema "Loira" de João de Meira: uma leitura intertextual.
Revista de Guimarães, 122-123 Jan.-Dez. 2012-2013, p. 157-164.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

O POEMA “LOIRA” DE JOÃO DE MEIRA: UMA LEITURA INTERTEXTUAL

AGOSTINHO FERREIRA¹

*“Em quantas mansardas e não mansardas do mundo
Não estão nesta hora génio para si mesmos sonhando?
Quantas aspirações altas e nobres e lúcidas
(...)
Nunca verão a luz do sol real nem acharão ouvidos de gente?”*
Álvaro de Campos

É razoável aceitar que a obra de arte não vale por si só. O sucesso de qualquer obra advém do valor da obra e da aceitação da crítica. Isto explica o facto de muitas vezes ter mais valor o nome que a obra. A crítica, em geral, consagra nomes. E é por isso que “muitas aspirações altas e nobres e lúcidas (...) nunca verão a luz do sol...”

Vem isto a propósito do ilustre vimaranense João de Meira, cuja obra, de assinalável valor, anda muito esquecida e tem permanecido distante da opinião pública. De facto, só um grupo bastante restrito tem conhecimento da sua obra.

O presente estudo analisa, numa vertente intertextual, o poema “Loira”, cuja qualidade poética é notável. Trata-se de um poema que chegou a figurar na obra poética de Cesário Verde. Tratou-se da situação insólita que ficou explicada na primeira parte deste artigo. Embora não sendo da autoria de Cesário, o poema, pela sua qualidade, só valorizaria a sua obra.

¹ Professor da Escola Secundária Francisco de Holanda - agostinhoferreira@esfh.pt

1. O poema

LOIRA

Eu descia o Chiado lentamente
Parando junto às montras dos livreiros,
Quando passaste irónica e insolente,
Mal pisando no chão os pés ligeiros.

O céu nublado ameaçava chuva,
Saía gente fina de uma igreja;
Destacavam o traje de viúva
Teus cabelos de um loiro de cerveja.

E a mim, um desgraçado a quem seduzem
Comparações estranhas, sem razão,
Lembrou-me esse contraste o que produzem
Os galões sobre o pano de um caixão.

Eu buscava uma rima bem intensa
Para findar uns versos com amor;
Olhaste-me com cega indiferença
Através do lorgnon provocador.

Detinham-se a medir tua elegância
Os dandys com aprumo e galhardia;
Segui-te humildemente e a distância,
Não fosses suspeitar que te seguia.

E pensava de longe, triste e pobre,
(Desciam pelas rua umas varinas)
Como podias conservar-te sobre
O salto exagerado das botinas

Havia pela rua uns charcos d'água
E tu, sempre febril, sempre inquieta,
Ergueste um pouco a saia sobre a anágua
De um tecido ligeiro e violeta.

Adorável! Na ideia de que agora
A branda anágua a levantasse o vento
Descobrimo uma curva sedutora,
Cada vez caminhava mais atento.

Mas súbito parei, sentindo bem
Ser loucura seguir-te com empenho,
A ti que és nobre e rica, que és alguém,
Eu que de nada valho e nada tenho.

Correu-me pelo corpo um calafrio,
E tive para o teu perfil ligeiro
Esse olhar resignado do vadio
Que fita a exposição de um confeitiro.

Vi perder-se na turba que passava
O teu cabelo d'oiro que faz mal;
Não achei essa rima que buscava,
Mas compus este quadro natural

2. A intertextualidade

A intertextualidade (termo criado por Júlia Kristeva) não deve ser entendida como uma repetição verbal de qualquer tipo. Todos os falantes de uma língua usam predominantemente as mesmas palavras. Laurent Jenny considera que a intertextualidade só pode ser entendida como tal, desde que se encontrem repetidos elementos anteriormente estruturados para além do lexema.

Outros autores consideram intertextual a simples alusão ou repetição do significado e não apenas a repetição verbal estruturada.

A escrita, como a vida, é marcada pela repetição, pela imitação. Mikail Bakhtin demonstrou nos seus trabalhos sobre obras literárias, sobretudo sobre o romance europeu, que existem, nas obras literárias, repetições, reutilizações de segmentos textuais que os escritores utilizam de modo consciente ou inconsciente. Conceitos, atualmente recorrentes na análise literária, como carnavalização, dialogismo, polifonia são da sua autoria. Bakhtin conseguiu provar que mesmo os escritores mais originais e mais geniais acabam por, de algum modo, repetir o que já tinha sido escrito ou pronunciado. E Laurent Jenny afirmava que “Fora da intertextualidade, a obra literária seria muito simplesmente incompreensível, tal como uma palavra de uma língua desconhecida” (JENNY, 1979:5). E Urbano Tavares Rodrigues afirmava que “para além

da incorporação consciente e voluntária de um verso ou de uma frase alheia num texto nosso, há ainda a interpenetração de texto que resulta da memória involuntária. Disso ninguém está livre, por muito que queira exigir de si uma rigorosa singularidade” (RODRIGUES, 1993: 47).

Tal fenómeno não desvaloriza a obra literária, antes a eleva. A tomada de consciência do fenómeno da intertextualidade levou os críticos de arte literária a analisarem os textos literários com outro olhar. A criação artística demiúrgica, à maneira romântica, deixa de fazer sentido. A própria vida é, em certo sentido, uma arte. Daí que, desde os tempos longínquos da antiga Grécia e Roma, se falasse na “arte de viver”. A vida mais não é que uma repetição de ações adaptadas a novos contextos. Basta que para isso reparemos, por exemplo, nas repetições do trabalho, das férias, dos dias e das noites, das estações do ano, etc. A morte faz parte do círculo máximo que une o ser à terra e ao início. A vivência é marcada pelo hábito e pela repetição.

Há sempre algo que se repete e há sempre algo de novo. Repetem-se ações antigas num tempo novo e num contexto diferente. De modo que a originalidade nunca é absoluta e a repetição nunca é total.

A arte literária passa a ser mais recriação do que criação. A originalidade estará nos novos sentidos que as palavras assumem em novos contextos.

A repetição intertextual pode consistir numa repetição de sintagmas, de frases, de versos ou até de estilos ou de linhas condutoras do discurso e pode ser um fenómeno inconsciente que ultrapassa o próprio ato da escrita. Contudo, sempre houve casos específicos de intertextualidade, casos de autores que se serviram, de modo intencional, de textos de outros autores. São disso exemplos certas paródias que se fizeram com base em textos consagrados como “Os Lusíadas”, a “Bíblia”, sonetos de Camões, poemas de António Nobre, etc. e que acabaram por resultar numa certa “carnavalização” da mensagem desses textos. Casos como a citação, a paródia, o pastiche e as próprias traduções são exemplos de intertextualidade intencional.

Mas se a intertextualidade é um fenómeno que se prende com a realização (concretização) do texto, é também um fenómeno que se prende com a descodificação e, conseqüentemente, com a cultura do destinatário ou leitor que funciona como ponto de referência para a interpretação.

3. A intertextualidade do poema “Loira”.

João de Meira, antes de estarem teorizados estes fenómenos da intertextualidade, foi um exímio utilizador consciente de textos, frases, expressões de outros autores. E foi sobretudo um exímio imitador de estilos. Poucas décadas depois, com o surgimento do surrealismo, iria banalizar-se a “carnavalização” feita a partir de textos ou quadros consagrados. São disso excelente exemplo as

paródias de Alexandre O’Neil. João de Meira, discreto mas intencional, imitou estilos, imitou temáticas, imitou narrativas. O poema “Loira” é um dos exemplos bem conseguidos, não só em termos estéticos como em termos de ironia e galhofa. O poema foi publicado pela primeira vez, no jornal “O Comércio de Guimarães”, em 3 de abril de 1900. Cesário Verde (1855-1886) tinha marcado a sua temática na retratação de ambientes urbanos e rurais, sendo Lisboa o espaço urbano de referência dos seus poemas. João de Meira (1881-1913), sendo vimaranense, fez um poema cujo pano de fundo é o ambiente de Lisboa (“Eu descia o Chiado... Parando junto às montras...”), o que transporta o leitor para um contexto espacial que era típico de Cesário Verde.

O poema “Loira” imita com mestria o estilo deste destacado poeta. Desde logo, a estrutura do poema está próxima da maioria dos poemas de Cesário. A própria sonoridade e as rimas fazem lembrar Cesário. Mas é sobretudo nas referências ao ambiente lisboeta e aos traços das personagens referidas no poema que essa semelhança mais se destaca. O próprio título do poema “Loira” vai ao encontro de uma das tipologias femininas da obra de Cesário. Basta recordar versos como “E loura como as doces escocesas” (VERDE, 1993: 45), “os teus cabelos muito loiros/ Luziam, com doçura, honestamente” (idem, p. 84), “És tão loira e doirada como as messes” (idem, p. 155), etc.

Ao lermos o primeiro verso do poema de João de Meira, não deixamos de lembrar automaticamente certos versos de Cesário. “Eu descia o Chiado lentamente” está, em termos de estrutura e sonoridade, muito próximo de “Nós podemos viver alegremente” (idem, p. 127), “Eu hei de falar lugubrememente” (idem, pág. 147) ou em termos semânticos “Eu descia/ sem muita pressa” (idem, pág. 55). O 3º verso “Quando passaste irónica e insolente” parece fazer referência indireta ao verso de Cesário “Quando passa aromática e normal” (idem, pág. 33). Por sua vez, o verso “Mal pisando no chão os pés ligeiros” está próximo de “Com seus pezinhos rápidos, de cabra” (idem, pág. 69) ou “Sobre as botinhas de tacões agudos” do poema de Cesário “Cristalizações”. Também o ato de seguir a figura feminina “Segui-te humildemente e a distância” aparece em versos de Cesário como: “Por vezes, a alemã que sigo e que me agrada” (idem, p. 63), “E para te seguir entrei contigo/ num pátio de canteiro” (idem p. 72), “Sigo-lhe os altos pés por estas asperezas” (idem p. 75), ou “Mas eu hei de afinal seguir-te a toda a parte” (idem, p. 159). Do mesmo modo, o ato de parar a ver as montras (“Parando junto às montras dos livreiros”) do poema “Loira” assemelha-se ao verso “curvadas a sorrir às montras dos ourives” do poema “Sentimento de um Ocidental”. E até aquele inspirado verso de João de Meira “Teus cabelos de um loiro de cerveja” se aproxima da sonoridade do verso de Cesário “E essa boca viçosa de cereja” (idem, p. 71).

Muitos outros exemplos poderíamos apresentar para mostrar a presença de versos de Cesário, mas não o fazemos por ser desnecessário e fastidioso.

Mais do que encontrar semelhanças ao nível dos sintagmas, da repetição estrutural, da sonoridade, ou do estilo em geral, é fundamental verificar que o poema de João de Meira consegue captar e reunir numa espécie de síntese as marcas estilísticas e a recorrência vocabular de Cesário Verde. Uma análise ao vocabulário do poema “Loira” permite enumerar referentes como: o Chiado, a rua, o charco de água, a figura feminina, a elegância, os cabelos loiros, a viúva, as varinas, o rapaz que não se julga à altura da beleza da mulher que persegue, os dandys, o vadio, o céu de chuva, a igreja, o caixão, as botinas, o tecido ligeiro e violeta, o calafrio, a turba, o quadro natural. Facilmente se percebe que estes mesmos referentes são recorrentes na obra de Cesário. Mas João de Meira concentrou-os num só poema, de modo espontâneo e com uma sonoridade raramente encontrada.

E, tal como em Cesário, não falta o advérbio terminado em -mente (“lentamente”, “humildemente”), nem a dupla adjetivação (“irónica e insolente”; “triste e pobre”; “ligeiro e violeta”; “nobre e rica”; “resignado e vadio”).

Os espaços relacionam-se com Lisboa e com o ambiente urbano, os elementos humanos revisitam alguns dos mais significativos poemas de Cesário, a referência frequente a elementos do vestuário emprestam um ar realista e impressionista às figuras apresentadas. E nem falta a presença de estrangeirismos, tão típicos dos escritores realistas e de Cesário.

Esta capacidade de brincar com estilos alheios, esta reutilização de unidades textuais de outrem proporciona um excelente exercício de criação poética. Para além da ironia que proporciona, a recontextualização de referentes torna o poema original, pelos novos sentidos das palavras, dos sintagmas e dos versos.

O Poema “Loira” refere um sujeito poético masculino que, descendo o Chiado, repara numa figura feminina que o inspira e impele a buscar “uma rima bem intensa/ para findar uns versos com amor”. A figura feminina acaba por desaparecer “na turba”. O poeta ironicamente não encontrou “a rima que buscava”, mas compôs um “quadro natural”, que era o que Cesário Verde fazia em muitos dos seus poemas. Estamos perante uma inequívoca desmistificação da poesia de Cesário. Embora haja uma evidente reutilização de lugares poéticos anteriores, não é menos verdade que certos recursos estéticos acrescentam em impressionismo e beleza poética à poesia supostamente imitada. Basta referir os “cabelos de um loiro de cerveja” ou as duplas adjetivações de cariz realista, à maneira de Eça e de Cesário, da figura que passa “irónica e insolente”, do rapaz que pensava “triste e pobre”, ou do tecido “loiro e violeta”.

Nada falta a este poema para que se apresente como um todo, em que se entrecruzam a ironia com a descrição de pessoas, lugares e sentimentos. Além disso, a tonalidade poética é conseguida através de uma seleção vocabular que proporciona um excelente ritmo e uma sonoridade que só conseguimos encontrar nos melhores poemas simbolistas.

Conclusão

João de Meira continua a ser uma personalidade literária injustamente esquecida. É claro que se trata de uma figura ligada a Guimarães, que ironiza com lugares e situações de Lisboa. Lamentavelmente, mesmo em Guimarães, é uma personalidade mais conhecida por ter dado nome a uma escola do que pela sua escrita. Mas uma análise cuidada da sua obra, não só poética como narrativa, mostrará um escritor de génio. Talvez precisasse de descer o “Chiado lentamente”, para ser reconhecido pela crítica e para deixar de ser um desses muitos milhões cuja obra nunca verá “a luz do sol real” nem achará “ouvidos de gente”.

Bibliografia

- ANGENOT, Marc - L'«intertextualité»: enquête sur l'émergence et la diffusion d'un champ notionnel, in *Revue des Sciences Humaines*, n.º 189, 1983.
- Intertextualité, interdiscursivité, discours social, in *Texte*, n.º 2, 1983.
- BAKHTINE, Mikhail - La poétique de Dostoievski, Paris, Editions du Seuil, 1970.
- *Esthétique et Théorie du Roman*, Paris, Gallimard, 1978.
- DÄLLENBACH, Lucien - «Intertexto e Autotexto», in *Intertextualidades* «Poétique n.º 27», Coimbra, Almedina, 1979.
- HUTCHEON, Linda - *Uma Teoria da Paródia*, Lisboa, Ed. 70, 1989.
- JENNY, Laurent - A Estratégia da Forma, in *Intertextualidades*, «Poétique» n.º 27, Coimbra, Almedina, 1979.
- JUNG, C. G. - *O Espírito na Arte e na Ciência*, Petrópolis, Vozes, 1985.
- REIS, Carlos - *Técnicas de Análise Textual*, Coimbra, Almedina, 1981.
- RODRIGUES, Urbano Tavares - Diário de Notícias de 19 de Janeiro de 1993, Dossier Artes.
- SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e - *Teoria da Literatura*, Coimbra, Almedina, 7.ª ed., 1986.
- VERDE, Cesário - *O Livro de Cesário Verde*, Aveiro, Livraria Estante, 1993

LOIRA

Eu descia o Chiado lentamente
Parando a olhar as *montres* dos livreiros,
Quando passaste altiva, surpreendente,
Mal poisando no chão os pés ligeiros.

O céu nublado ameaçava chuva,
Sabia gente fina de uma igreja;
Destacavam no tr je de viuva
Os teus cabelos loiros de cerveja.

E a mim um desgraçado, a quem seduzem
Comparações estranhas, sem razão,
Lembrou-me esse contrasteo que produzem
Os galões sobre o negro de um caixão.

Eu buscava uma rima bem intensa
Para findar uns versos com amor;
Olhaste para mim com indiferença
Atravez do *lorgnon* provocador.

Detinham-se, a olhar tua elegância,
Os *dandys* com aprumo e galhardia;
Segui-te humildeamente e a distancia,
Não fesses suspeitar que te seguia.

Havia no passeio uns charcos de agua
E tu, sempre febril, sempre inquieta,
Ergueste a saia e pude ver a anágoa
De um tecido ligeiro e violeta.

Eu pensava de longe, triste e pobre,
(Desciam pela rua umas varinas)
Co ao podias conservar-te sobre
O salto exagerado das b tinas.

De subito parei, sentido bem
Ser loacura seguir-te com empenho,
A ti que és nobre e rica, que és alguém,
Eu de nada valho e nada tenho.

Senti atravessar-me um cadefrio
E tive, pura o teu perfil ligeiro,
esse olhar resignado do vadio
Que fita a expisição de um confeiteiro.

Vi perder-se na tumba que passava
O teu cabelo loiro que faz mal;
Não achei essa rima que buscava
Mas compuz este quadro natural.

Lisboa
13 de março de 1900.

João de Mriira.

Publicação original do poema "A Loira"
O Comércio de Guimarães, 3 de Abril de 1900